

olhos. Guardou a pasta na gaveta, por duas ou três vezes ("Estou ficando louco? ...") experimentou se a havia fechado bem, tirou as chaves e, humilde, tímido como sempre tinha sido, foi pedir à sua chefe que o dispensasse, que o deixasse sair mais cedo. Não estava se sentindo bem. A chefe deu-lhe a permissão e, aproveitando o ensejo, perguntou, excitadíssima pela enorme curiosidade: – Mas, o que foi que houve, professor? Se eu não conhecesse o senhor há tanto tempo... Não adianta dizer que não foi nada. Sua reação não engana ninguém. – Não foi nada, não – respondeu, com calma. – Estou um pouco doente, deve ser estafa, estresse, como se diz hoje. Veja, na minha idade, com a minha experiência, me deixei levar pelo entusiasmo, um entusiasmo que eu tenho criticado tanto nos mais jovens...

A chefe sabia que o professor não estava dizendo a verdade. Há mais de 40 anos manuseando aqueles velhos manuscritos, exímio paleógrafo, especialista em leitura de papéis do século XII e XIII, mas conseguindo ler com bastante facilidade tudo o que se escrevera até o século XVIII, o professor Waldirez conhecia como ninguém todos os meandros daqueles quilômetros e quilômetros de estantes, de bancadas, de arcazes, de cofres, de gaveteiros. Não era homem de se deixar levar por um nada. Nunca o ouvira falar em voz alta, ninguém jamais o havia visto se exaltar, sair, por pouco que fosse, dos seus padrões de seriedade e de compunção. "Não há dúvida, ele viu alguma coisa de muito estranho" — concluiu ela.

No dia seguinte o professor não foi trabalhar. Sua esposa telefonou. Ele não dormira bem, parece que teve pesadelos, amanheceu com um pouco de febre, se queixando do corpo mole e da garganta seca. Pedia desculpas por não poder comparecer. E assim se passou todo o resto da semana. O professor continuou com febre. Só na segunda-feira seguinte apareceu, trazendo o devido certificado médico, que falava de uma febrezinha atípica, sem maiores conseqüências. Um começo de estresse que uma semana ou duas de descanso curaria. – Não preciso de descanso nenhum, chefe. Estou muito bem. Curiosa que estava de saber qualquer coisa a mais daquela misteriosa descoberta do professor, a chefe não se fez de rogada: – O senhor é que sabe. Se acha que pode trabalhar, a casa é sua – concluiu brincando, fazendo um largo gesto.